

Estresse e trabalho de monitoras de creche: uma abordagem multidisciplinar

MARIA
CECÍLIA
MASSELI

Tese de doutorado defendida no Departamento de Psiquiatria
e Psicologia Médica da Faculdade de Ciências Médicas-Unicamp
Orientador: Professor Dr. Marcos S. Queiroz

As rápidas, profundas e significativas transformações na maneira de viver do homem moderno têm popularizado sobremaneira a experiência e decorrente alusão ao estresse.

Apropriada cientificamente para designar pressão, tensão (ou desgaste provocado por), esta palavra tem freqüentado cada vez mais o vocabulário do homem comum, para expressar a experiência psicossocial de enfrentamento das dificuldades impostas pelo cotidiano. Enquanto o senso-comum guarda estreita relação entre que a vivência e a representação do estresse, o mesmo não ocorre com seu conceito científico. Diante da incapacidade humana de analisar e compreender os fenômenos em sua totalidade complexa, o conhecimento científico é freqüentemente construído de forma fragmentada, separando os distintos conceitos a respeito de um mesmo fenômeno, conforme a visão de mundo, a abordagem e os instrumentos metodológicos empregados por quem o constrói. Tais cisões

epistemológicas, conceituais e metodológicas têm limitado o papel que a ciência pode e deve desempenhar na promoção de saúde mental, enquanto construtora de conhecimentos que instrumentalizem o homem comum na sua experiência cotidiana de estresse.

O presente estudo nasceu do desafio de pesquisar sobre estresse de maneira a buscar integrar alguns de seus aspectos – bio-psicossociais, quantitativo-qualitativos, individual-coletivo, objetivo-subjetivo, científico-senso comum, entre outros – até então investigados isoladamente. Assim, associar a proeminência que o estresse vem assumindo na vida do homem moderno à complexidade de sua natureza multifacetada e ao inerente desafio metodológico configurou-se como altamente instigante, do ponto de vista do desejo que mobiliza o pesquisador ao debruçar-se sobre seu objeto. Mais concretamente, consiste em uma análise multidisciplinar do estresse, na interface que estabelece com o mundo do trabalho.

A pesquisa se iniciou pelo levantamento e mapeamento dos afastamentos por motivo de estresse ocorridos durante um ano (1995) entre os 14.000 funcionários públicos municipais de Campinas-SP. Descobriu-se assim que 39% destes afastamentos correspondia à categoria ocupacional monitora de creche. A próxima estratégia foi a aproximação do cotidiano de trabalho de monitoras de creche para apreender, através das representações sociais que elaboram a respeito do estresse, os significados da experiência para elas. Apesar dessa essência qualitativa, não abriria mão de dialogar com os dados que recursos quantitativos de pesquisa pudessem recolher a respeito do objeto. Foi aplicado um inventário de sintomas de estresse (ISS-LIPP) a funcionários de quatro creches, sendo dois da Prefeitura de Campinas e dois da Unicamp, perfazendo um total de 125 participantes da pesquisa, das quais 71 eram monitoras. Paralelamente, promoveram-se tantos diálogos quanto os identificados pela pesquisadora como instigantes, úteis, possíveis: entre aspectos físicos, psicológicos e sociais; entre dados objetivos e subjetivos; entre recursos quantitativos e qualitativos de investigação; entre os tantos conceitos, disciplinas e teorias elaborados para interpretar as distintas dimensões do real.

A análise do ISS-LIPP mostrou que as monitoras, que ficam em contato direto com as crianças, têm mais chances de serem consideradas estressadas que os demais funcionários das creches. Buscou-se então compreender a correlação entre as experiências de estresse referidas pelas monitoras e a na-

tureza do trabalho que desempenham. A comparação entre duas creches da Prefeitura e duas da Unicamp mostrou que desenvolver a mesma atividade na Prefeitura aumentava significativamente a chance de ser sintomática para o ISS-LIPP, o que apontou para que se buscasse identificar elementos da organização do trabalho, numa e noutra instituição, que se relacionassem às experiências de estresse referida pelas participantes.

A partir do primeiro resultado obtido – entre os funcionários públicos municipais de Campinas, monitora de creche é a categoria ocupacional que mais se afastou por estresse em 1995 – buscou-se compreender que aspectos ligados à identidade da categoria “monitora de creche” a correlaciona ao estresse? Conforme o que foi analisado, a maior incidência de estresse entre as monitoras de creche deve-se ao fato da categoria constituir-se essencialmente de mulheres, cujo desempenho profissional não as exime do cumprimento das exigências doméstico-familiares. Para a maioria, que é solteira ou separada, a baixa escolaridade e profissionalização as obriga a manter um emprego que consideram desvalorizado e mal-remunerado. A tensão permanente para fechar o orçamento doméstico frequentemente as impele a acumular outro trabalho para complementar a renda familiar e a estudar à noite em busca de um futuro melhor para si e para os seus. A maioria (65,2%) considera-se estressada e suas queixas giram em torno de cansaço, transtornos do sono, de memória, nervosismo e sintomas inespecíficos como dores agudas, crônicas ou

difusas, que são dificilmente identificadas por exames clínico-laboratoriais e sistematicamente dissociadas do mundo do trabalho, o que contribui para que seus sofrimentos físicos e psíquicos sejam relegados à invisibilidade. Quando interrogadas, associam mais freqüentemente o estresse a problemas pessoais e/ou familiares. Em contrapartida, em relação ao mundo do trabalho, o fato de preservar sistematicamente as crianças e responsabilizar os adultos pelo seu estresse sugere, por um lado, a necessidade de proteger (talvez de sua própria raiva) as crianças, por considerá-las vulneráveis; e, por outro lado, que identificam nas relações que estabelecem com os adultos no mundo do trabalho não apenas a origem das agressões que as vitimam mas, sobretudo, aquilo que pode e deve ser mudado para melhorar sua qualidade de vida e de saúde, física e, principalmente, mental.

Em relação ao segundo resultado da pesquisa – as monitoras, que se ocupam direta e totalmente das crianças, tendem a ser mais sintomáticas para o ISS-LIPP que as demais categorias ocupacionais da creche, que se ocupam apenas parcial ou indiretamente das crianças – buscou-se identificar o papel que a experiência de trabalhar com crianças desempenha em relação à saúde mental das monitoras participantes da pesquisa.

O que primeiro chama a atenção na aproximação feita à natureza do trabalho das monitoras é que as referências mais freqüentes que elas fazem ao seu trabalho é que gostam muito de criança e que o trabalho é muito desgastante. Como compreender esse pa-

radoxo? Por ser sócio-culturalmente legitimado, o “gostar de criança” se impõe no mundo de trabalho da creche e se reproduz, necessariamente, no discurso (não só, mas principalmente) das monitoras, como que avalizando a necessária confiança que devem suscitar a quem lhes confere as crianças (mães e porta-vozes das instituições). Associa-se a este o fato do trabalho com crianças configurar-se intrinsecamente como mobilizador de afetos, seja porque seu papel se interpõe ao da mãe, na freqüentemente tensa e conflitante relação que estabelece com o filho; seja porque as leva a entrarem em contato com seus conflitos mais profundos, ligados à sua experiência subjetiva de vida; seja porque contrapõe à valorização sócio-cultural da criança o fato de considerarem-se sócio-cultural e economicamente desvalorizadas. No entanto, do que é nelas mobilizado, apenas os afetos considerados positivos – porque geradores de prazer – são bem-recebidos nas relações profissionais. Por serem considerados ameaçadores (da integridade das crianças e das relações de trabalho), os afetos geradores de sofrimento são sistematicamente reprimidos, o que configura-se como desfavorável à saúde mental das monitoras. Das 71 monitoras que participaram da pesquisa 55% considera seu trabalho prejudicial à sua saúde física – em função da maior dependência das crianças menores – e, sobretudo, mental – decorrente da maior exigência emocional das faixas etárias superiores. No entanto, as justificativas de insalubridade que repousam sobre a natureza do trabalho com crianças, como as anteriores, constituem a minoria, quando comparadas ao

fato da maioria delas apontarem ser as relações de trabalho na creche o fator mais prejudicial à sua saúde, especialmente mental.

É com relação ao terceiro resultado da pesquisa – as monitoras de creche da Prefeitura têm 7,6 vezes mais chances de serem sintomáticas para o ISS-LIPP que as monitoras de creche da Unicamp – buscou-se compreender a significativa diferença na incidência de estresse entre as monitoras de creche, numa e noutra instituição. Que aspectos da organização do trabalho podem auxiliar a compreender a desigualdade na distribuição percentual de sintomáticas para o ISS-LIPP entre as duas instituições e assim contribuir na ampliação da compreensão do fenômeno estresse?

Da análise da origem das creches em cada uma das instituições participantes da pesquisa depreende-se que o caráter mais assistencialista, identificado nas creches da Prefeitura (porque criadas para solucionar problemas sociais), contribui para que, tanto com as crianças e suas mães, como com suas colegas e a instituição, as monitoras experimentem (e reproduzam) relações mais autoritárias, nas quais as ações comunicativas, por serem mais sistematicamente distorcidas, configuram-se como mais desfavoráveis à sua saúde mental. Em contrapartida, pode-se também depreender desta análise que o caráter mais democrático, identificado na origem das creches da Unicamp (porque fruto de reivindicações de trabalhadores organizados), desdobra-se no cotidiano de trabalho na creche, possibilitando que as monitoras experimentem relações mais democráticas, que se configuram

como mais favoráveis à sua saúde mental.

Da análise dos desdobramentos das crises político-administrativas-institucionais sobre o cotidiano das creches analisadas e a saúde mental das monitoras depreende-se que as relações mais democráticas de trabalho (como as identificadas nas creches da Unicamp) favorecem que recursos individuais, coletivos e organizacionais sejam acionados no sentido de amortecer os impactos nocivos que as políticas administrativas possam ter sobre as monitoras. Em contrapartida, depreende-se também que relações de trabalho mais autoritárias (como as que se estabelecem entre as creches pesquisadas e a administração central da Prefeitura) impedem que os mesmos recursos sejam acionados, permitindo que políticas públicas em geral configurem-se como mais ameaçadoras à integridade, especialmente emocional, das monitoras.

Em função desta aproximação do contexto histórico em que se inserem as instituições, as creches e as monitoras participantes da pesquisa, alguns conceitos de Habermas evidenciaram-se como bastante profícuos ao estabelecimento de correlações compreensivas entre autoritarismo, democracia e saúde mental. A partir dos conceitos de Mundo da Vida, Sistemas e “patologias sociais”, são analisadas as ações comunicativas que as monitoras estabelecem nas suas relações cotidianas de trabalho com o intuito de identificar o papel que a democratização dessas relações pode ter em relação ao estresse identificado nas monitoras, no contexto das creches analisadas.

Da análise das relações hierárquicas

que se estabelecem nas creches pesquisadas depreende-se que, no contexto analisado da Prefeitura, estas relações configuram-se como mais verticalizadas (porque a origem das decisões se encontra em um plano hierarquicamente superior e fisicamente distante de quem as executa) que no contexto da Unicamp, onde se configuram como mais horizontalizadas (pela proximidade física entre quem decide e quem executa). Tal aproximação configura-se como favorável à coesão em torno dos objetivos e dos meios para alcançá-los e à responsabilização quanto aos resultados, o que se configura como favorável também aos contatos interpessoais, à qualidade comunicativa e à saúde mental das monitoras.

Da análise dos significados que as participantes da pesquisa atribuem às regras de funcionamento das creches nas duas instituições depreende-se que, em seu conteúdo, aplicação e entendimento, essas regras (referentes a horário de trabalho, hora extra, férias, faltas, definição e especificidade das tarefas, carga de trabalho, entre outras que não foram aqui especificamente analisadas) mediam as ações comunicativas que se estabelecem nas relações de trabalho das monitoras, ora qualificando, ora limitando seu potencial democrático e, assim, respectivamente, ora favorecendo (como evidenciam a maioria dos relatos de monitoras de creche da Unicamp), ora desfavorecendo (como evidenciam a maioria dos relatos de monitoras de creche da Prefeitura) sua saúde mental.

Da análise dos critérios empregados nos processos de seleção e remoção para ao

cargo de monitora depreende-se que de seus conteúdos, formas de aplicação e entendimento depende a qualidade dos vínculos que as monitoras estabelecem com sua clientela (as crianças e suas mães), com seus pares (demais monitoras) e com a instituição (suas normas e seus porta-vozes). Mais precisamente, da veracidade atribuída aos conteúdos desses critérios, da correção atribuída às suas normas, da sinceridade atribuída às suas intenções e da inteligibilidade do que é comunicado depende a qualificação dos vínculos que se configuram ora como mais favoráveis à saúde mental das monitoras (como no caso das creches pesquisadas da Unicamp), ora como mais desfavoráveis à saúde mental das monitoras (como no caso das creches pesquisadas da Prefeitura).

Da análise do conjunto dos dados, o conflito entre educar e cuidar emerge como bastante significativo para fazer avançar a compreensão da desigualdade na distribuição dos percentuais de sintomáticas para o ISS-LIPP entre as monitoras de creche das duas instituições participantes da pesquisa. Considerando que é o caráter educativo-pedagógico do trabalho com crianças que o valoriza, inúmeros relatos de monitoras de creche da Prefeitura evidenciam que elas não se consideram, nem são consideradas, educadoras. Cabe às professoras o papel mais importante da creche – o de educar as crianças. Às monitoras cabe apenas o papel de cuidadora das crianças, que é por elas referido como social, institucional e individualmente desvalorizado. O conflito entre educar e cuidar se intensifica na medida em que, administrativamente, as monitoras são as-

sociadas à administração, cozinha e limpeza para compor o setor de apoio, que se distingue em valores, critérios e regras do setor pedagógico, constituído de professoras e diretoras. A desvalorização e a discriminação são experimentadas enquanto privação de direitos e de benefícios, o que concorre para elevar o nível de conflitos nas relações pessoais e limitar as possibilidades de entendimento entre os atores sociais envolvidos. Assim sendo, tal como observado no contexto desta pesquisa, a cisão entre educar e cuidar favorece a elevação do nível de estresse entre as monitoras de creche da Prefeitura. Em contrapartida, a possibilidade de integrar o educar e o cuidar evidencia-se como uma experiência gratificante no cotidiano de trabalho das monitoras da Unicamp, na medida em que possibilita maior espaço à criatividade, à construção de auto-estima, autonomia e responsabilização social, o que se configura como favorável à saúde mental das monitoras em especial.

Da análise do conjunto das representações sociais que são continuamente elaboradas e veiculadas nas creches pesquisadas a respeito do trabalho das monitoras, depreende-se que, tanto em sua elaboração quanto em decorrência de sua veiculação, essas representações sociais (que no contexto da pesquisa significam, para as monitoras, avaliações, mesmo quando informais e implícitas) são, respectivamente, mobilizadas por e mobilizadoras de afetos. A maior concentração de referências a afetos geradores de sofrimento (por oposição aos afetos geradores de prazer) nas entrevistas com monitoras de creche da Prefeitura auxilia a

compreender a diferença institucional na distribuição percentual das sintomáticas para o ISS-LIPP. Do que pode ser identificado como sofrimento que as monitoras das creches pesquisadas da Prefeitura associam às avaliações de seu trabalho destaca-se a decepção com o trabalho e consigo, em função da representação desvalorizadora do trabalho, rebaixadora da auto-imagem da categoria e da auto-estima de suas integrantes; a injustiça experimentada nas relações supostamente igualitárias; o medo das consequências do expressar-se livremente; e tantos outros como raiva, impotência, vergonha e culpa. Nas creches pesquisadas da Unicamp, apesar de inúmeras evidências apontarem no sentido de que, de forma geral, são positivas as avaliações a respeito do trabalho das monitoras, também é significativa entre elas a percepção de que não têm seu trabalho valorizado nem pelas superiores hierárquicas nem pelas mães das crianças, o que se configura como desfavorável à saúde mental das monitoras.

Tal como foi proposta e desenvolvida, esta pesquisa sugere contribuições relativas ao método e ao conteúdo.

Quanto ao desafio metodológico empreendido...

1. A vivência do método enquanto caminho construído na relação com o objeto. Apesar da confortável sensação de segurança que um caminho definido a priori oferece, como buscar desvendar os mistérios da natureza das coisas sem abrir-se às suas novidades?

2. A equação possível para a busca exhaustiva de realizar uma pesquisa cuja abor-

dagem seja quantitativa e qualitativa (para mim no momento) é que a pesquisa é essencialmente qualitativa e utiliza, sempre que necessário, instrumentos quantitativos, da forma como estes se apresentam úteis à compreensão do problema.

3. O conceito do fenômeno investigado é deixado em aberto durante toda a pesquisa para permitir que significados atribuídos por quem o experiencia possam dialogar com os conhecimentos teóricos existentes e contribuir assim para a ampliação de sua compreensão.

A abordagem integradora do fenômeno favorece que o conhecimento assim construído seja reconhecido como significativo e apropriado por quem o experiencia enquanto instrumento de transformação de suas condições objetivas, subjetivas e sociais.

Quanto ao fenômeno pesquisado...

– em relação à relativa invisibilidade, individualidade e decorrente isolamento que caracteriza a experiência do estresse, buscar desvendar seu caráter coletivo – neste caso, relacionados ao mundo do trabalho – configura-se como favorável à saúde mental dos envolvidos, na medida em que contribui para a identificação de seus condicionantes e transformação de seu processo e desdobramentos.

– em relação à natureza do trabalho com crianças é possível identificar que a emergência e recorrência de temas emocionalmente significativos, bem como as consequências danosas de sua repressão ou de seu tratamento inadequado por parte das monitoras justificam um investimento, por parte de cada instituição, em propiciar sua

expressão e instrumentalizar sua elaboração. Pretende-se com isso que, abordadas pelas crianças, as monitoras possam sentir-se menos ameaçadas, portanto, possam reprimir menos que as crianças expressem seus conflitos. Favorecer que as monitoras ampliem sua capacidade de disponibilizar recursos internos mais elaborados configura-se como mais adequado à relação que se pretende educativa entre monitoras e crianças.

E, finalmente, em relação à organização do trabalho nas creches pesquisadas, dois aspectos destacam-se como fortemente relacionados à experiência de estresse:

1. Os significados (e valores) atribuídos ao trabalho – e, conseqüentemente, ao trabalhador – pelos distintos atores sociais nele envolvidos. A percepção de que seu trabalho é valorizado ou desvalorizado (por seus colegas, superiores hierárquicos, por porta-vozes da instituição ou da sociedade) desempenha um papel significativo no valor que cada um atribui a seu papel profissional, na motivação para investimento pessoal no seu desempenho, na gratificação que recebe dele e, portanto, nas experiências que refere de estresse.

– Do grau de compartilhamento de objetivos e premissas entre quem decide e quem executa o trabalho depende o valor atribuído ao trabalho realizado e ao trabalhador que o realiza. O fato do trabalhador não identificar que partilha, com seus pares e com a instituição, seu objetivo de trabalho implica em submeter-se constantemente à tensão de cumprir regras de funcionamento que não são percebidas como corretas e justas em sua

elaboração, nem como sinceras quanto às suas intenções, nem como claras e compreensíveis quando comunicadas. Tais distorções comunicativas dificultam que os trabalhadores atinjam seus objetivos e obtenham satisfação a partir da realização de seu trabalho. Em contrapartida, o fato do trabalhador considerar como seu, de seus pares e da instituição os mesmos objetivos e premissas que norteiam e sustentam a elaboração, veiculação e aplicação das regras de funcionamento do trabalho (por exemplo referentes a horário, faltas, hora extra, férias, especificidade das tarefas, entre outras) qualifica as relações de trabalho, evitando distorções co-

municativas. Ou seja, quanto maior o grau de compartilhamento de objetivos e premissas, maior a probabilidade do trabalhador valorizar-se e ser valorizado pelo trabalho realizado.

Configura-se como relevante e indispensável a abertura de espaços de comunicação que favoreçam às monitoras a expressão dos afetos mobilizados tanto pela natureza como pelas relações de trabalho, oportunizando, desta forma, a elaboração individual destes conflitos e o ganho coletivo mediante a qualificação dos vínculos que as monitoras estabelecem entre si, com a instituição e com as crianças.